

Cena I

Uma sala ampla com uma mesa, um maple, cadeiras, janela, prateleiras, livros, uma arca, uma salamandra, num prédio de apartamentos, com elevador de grades, cujos movimentos se podem ouvir dentro de casa. Luís está só, a queimar papéis na salamandra. Ouve-se um requiem. Sente-se o cheiro do papel queimado. Alguém chega, com estrondo. A porta abre-se.

ANA — (*Surpreendida*) A queimar papéis?

Luís não responde, continua a tarefa, entupindo a salamandra que deita fumo.

ANA — (*Aproxima-se*) Que fumarada! (*Abre a janela*) O que estás a queimar?

Luís não responde.

ANA — Outra vez música clássica, esta semana não tens ouvido outra coisa! (*Pega num dos papéis*) O que estás a fazer? Mas... estás a queimar um original!

LUÍS — (*Arranca-lhe a folha*) Não é da tua conta.

ANA — Não acredito, estás a queimar o livro!

LUÍS — Não, estou a queimar os livros todos.

ANA — O quê?

LUÍS — Isso mesmo, estou a queimar os meus livros.

Ana fica parada, sem conseguir falar. Está atónita, os seus olhos começam a abrir-se desmesuradamente, como se entrasse em pânico. Faz gestos mas não fala, durante alguns segundos. Luís tira algumas folhas de dentro da salamandra e aguarda que o fumo (pouco) passe.

ANA — Luís... eu estou... eu fico... não sei...

LUÍS — Exacto, vou queimá-los um a um, só estão a encher, preciso de espaço para pôr copos e os meus isqueiros. Vê por onde andam os isqueiros, espalhados por tudo o que é sítio!

ANA — *(Mais calma, mas um pouco esgotada)* Então era isso que me querias dizer e não eras capaz. Assim, tão simples como isso, «estou a queimar os meus livros». Meu Deus, eu não acho isto normal. Chego a casa e tu estás a queimar os teus livros. Espera, espera, deixa ver se eu entendo, eu não acredito no que estou a ver. E esta música, eu logo vi. Há dias que não ouves mais nada. Presenti que havia qualquer coisa, mas não imaginei que fosse...

LUÍS — Isso mesmo, vão desaparecer de uma vez por todas. Pfst, um ar que lhes deu.

Ana dirige-se à salamandra para tirar as folhas e arrumar os originais.

ANA — Isto é mas é uma brincadeira de mau gosto!

LUÍS — *(grita)* Quieta, não mexas nisso.

ANA — *(hesita)* Não mexo? Ah isso é que mexo, faz algum sentido queimares os teus originais?

Luís corre para ela, arranca-lhe os papéis das mãos e magoa-a. Ana cai no chão e magoa-se num pé. Fica a olhar

para ele, com lágrimas nos olhos, mas sem fazer barulho, apenas a fixá-lo como se não o reconhecesse. Luís atira os papéis contra a parede e sai, batendo com a porta. Ana segue-o a coxejar.

ANA — Luís, onde vais?

LUÍS — (*Fora de cena*) Não me chateies, deixa-me!

Ouve-se depois as portas do elevador. Silêncio. Ana regressa devagar, cabisbaixa.

Cena II

Ana recolhe as folhas espalhadas pelo chão, limpa a salamandra. Põe outra música, um disco de canções de amor. Pega nas folhas semiqueimadas e começa a ler.

ANA — (*Lê alto, devagar, passando de uma leitura neutra para um estado de entusiasmo*) «Gustavo decidira matar-se nessa tarde. Não tinha nenhuma razão especial. A morte da mãe deixara-o indiferente, apenas com um vazio. Não chorara, não dissera uma palavra. Transportou o caixão em silêncio ao lado dos tios, enterrando os sapatos na lama.»

Pausa.

— «Enquanto caminhava ouvia o barulho das folhas. De repente parou. Os tios olharam para ele. Dava a impressão de que ia desmaiar, ficara branco. Mas não. Largou por momentos o caixão, apanhou uma barata que estava no chão, aflita, com o corpo às avessas, e arremessou-a para longe.»

Pausa.

— «O padre olhara para trás com um ar de enfado. Encostou de novo o ombro ao caixão e o enterro retomou o mesmo andamento.(...)»

Poisa o original, olha para a porta.

— Endoideceu, não cabe na cabeça de ninguém queimar isto!

Luís entra, de surpresa, todo molhado.

LUÍS — Está a chover.

Ana fica a olhar para ele, calada. Luís acende um cigarro, espreita pela janela. Escurece lá fora.

LUÍS — Não sei como podes gostar desse gajo, com essas cançonetas românticas. Farto disto tudo!

Luís sai e entra a secar a cabeça com uma toalha.

ANA — *(Com ar calmo)* O que tens, Luís?

LUÍS — Farto disto tudo é o que eu tenho, desta merda toda...

ANA — Eu tiro o disco, pronto. Mas o que é que se passa?

LUÍS — Nada, não se passa nada.

ANA — É alguma coisa comigo? Foi por ter chegado tarde?

LUÍS — Pronto, lá vem o choradinho. Já sabes que detesto essas tretas da culpa e de que mal fiz eu, se queres que me vá embora...

ANA — Não sei o que diga.

LUÍS — Não digas nada.

ANA — É a primeira vez que falas assim comigo.

LUÍS — Claro que é a primeira vez, claro que as coisas têm um começo. É a primeira vez que falo assim contigo, é a primeira vez que queimo os meus livros, é a primeira vez que bato com a porta, é a primeira vez que te dou um empurrão. Claro que é a primeira vez.

ANA — *(Com voz meiga)* Queres ir para a cama?